

O PROFETA ANGOLANO DESPEDAÇADO: POLÍTICA E RELIGIÃO EM ANGOLA: O CASO DO TOKOÍSMO (1946-2024)

THE SHATTERED ANGOLAN PROPHET: POLITICS AND RELIGION IN ANGOLA – THE CASE OF TOKOISM (1946-2024)

RODRIGO CASTRO REZENDE

Doutor em História Contemporânea pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Mestre em História Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Graduado em História pelo Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG). Professor do Departamento de História (do Instituto de Fundamentos das Ciências da Sociedade da Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes) da Universidade Federal Fluminense (UFF).

PARACLETO MUMBELA

Licenciado em ciências da saúde pública pelo Instituto Superior Politécnico Alvorecer da Juventude (ISPJA). Funcionário público e investigador (e coordenador) do Centro dos estudos tokoístas e conexos (CETOCO), em Angola, e na Edição Mumbeliano Maziko.

RESUMO

No presente artigo, analisaremos a relação entre Política e Religião através do estudo de Angola e do Tokoísmo. A pesquisa está centrada em quatro momentos distintos do Tokoísmo: seu surgimento no ex-Congo belga até a independência do país; a política leninista-marxista feita pelo MPLA contra o profeta Simão Gonçalves Tôko; a morte de Tôko, o desmembramento da Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo no Mundo e o seu quase fim; e a associação entre a Direção Universal e o MPLA pós-anos 2000. Como fontes, utilizaremos as das mídias estatais de Angola; as existentes no CETOCO, muitas de natureza jurídica, mas também comunicações feitas à imprensa; e relatórios de investigações efetuados pelo Estado Colonial português com relação a Simão Gonçalves Tôko e sua Igreja.

Palavras-chave: Angola; Direção Universal; MPLA; Política; Tokoísmo.

ABSTRACT

In this article, we will analyze the relationship between Politics and Religion through the study of Angola and Tokoism. The research focuses on four distinct moments of Tokoism: its emergence in the former Belgian Congo until the country's independence; the Leninist-Marxist policy pursued by the MPLA against the prophet Simão Gonçalves Tôko; Tôko's death, the dismemberment of the Church of Our Lord Jesus Christ in the World and its near demise; and the association between the Universal Directorate and the MPLA after 2000. As sources, we will use those of the Angolan state media; those existing in CETOCO, many of a legal nature, but also communications made to the press; and reports of investigations carried out by the Portuguese Colonial State in relation to Simão Gonçalves Tôko and his Church.

Keywords: Angola; MPLA; Politics; Tokoism; Universal Directorate.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO; 1 HISTÓRICO DA INSJCM E BIOGRAFIA DE SIMÃO TÔKO; 2 REPRESSÃO PORTUGUESA E A EXPANSÃO DO MOVIMENTO EM ANGOLA; 3 MORTE DE TÔKO E O INÍCIO DOS DESMEMBRAMENTOS DA INSJCM; 4 HEGEMONIA DA DIREÇÃO UNIVERSAL: NOVO PROGRAMA POLÍTICO DO MPLA; CONCLUSÃO; REFERÊNCIAS.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem por objetivo investigar a formação do Tokoísmo e as influências dos Estados Colonial português e angolano. A nossa principal hipótese é que as perseguições implementadas por Portugal, quanto pelo Regime Socialista do MPLA, corroboraram para o fortalecimento e aumento desse movimento religioso em Angola. Posteriormente, com o apoio dado pelo Estado à Direção Universal, o Tokoísmo se transforma não apenas em uma religião “oficiosa” do país, mas também acaba por marginalizar as três vertentes anteriormente reconhecidas: Doze Mais Velhos, Anciãos e Conselheiros da Direção Central, e 18 Classes e 16 Tribos. Assim, o Estado, em todas as suas características, parece ter dado o verniz ao movimento iniciado por Simão Gonçalves Tôko.

Como fontes de análise, utilizaremos de matérias jornalísticas encontradas na internet, especialmente nas das mídias estatais de Angola: Angop, Jornal de Angola, TPA online e outras. Essas fontes servirão para demonstrarmos como o MPLA tem criado condições para que a Direção Universal seja hegemônica entre o movimento Tokoísta, assim como faça transparecer que é a única vertente existente no país. Em termos de fontes escritas, nos ocuparemos de analisar as que estão sob os cuidados do CETOCO (Centro dos Estudos Tokoistas e Conexos), localizado em Luanda, Angola. Essa documentação tem diversas naturezas, tais como a biografia escrita pelo próprio profeta Simão Gonçalves Tôko, processos judiciais, informativos à imprensa, enfim, documentos diversos. Além desses, também utilizaremos de documentos localizados no Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT), especialmente os relatórios emitidos pela Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE) e do Serviço de Centralização e Controle de Informação de Angola (SCCIA).

A partir dos três momentos listados acima (Estado Colonial Português, Unipartidarismo do MPLA e Multipartidarismo também de Angola), tomaremos três pensadores distintos para a construção de nossa metodologia. Em um primeiro momento, vamos partir da ideia de constituição da figura de Simão Gonçalves Tôko como líder carismático e, portanto, utilizaremos dos trabalhos de Marx Weber; posteriormente, vamos analisar como a religião é vista como uma ferramenta ideológica e inimiga do Estado Socialista, com Karl Marx; e, por último, tentaremos tecer algumas

considerações de como essa mesma ideologia é benéfica para a manutenção do poder, como está em Nicolau Maquiavel.

O artigo está dividido em quatro partes: Histórico da Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo no Mundo – Os Tocoístas (INSJCM) e biografia de Simão Tôko, Repressão portuguesa e a expansão do movimento em Angola, Morte de Tôko e o início dos desmembramentos da INSJCM, e Hegemonia da Direção Universal: novo programa político do MPLA. Na primeira parte, falaremos um pouco da biografia do Simão Gonçalves Tôko e da formação da Igreja de Nosso Senhor Cristo no Mundo (INSJCM); a segunda parte será dedicada a demonstrar como as estratégias criadas pelo Estado Colonial português serviram para fortalecer e fazer com que o movimento fincasse raízes em Angola; o terceiro momento terá como pano de fundo o início dos desmembramentos da Igreja após a morte de Tôko; e, na derradeira parte, vamos analisar a associação entre MPLA e a Direção Universal de Dom Afonso Nunes.

1 HISTÓRICO DA INSJCM E BIOGRAFIA DE SIMÃO TÔKO

Em 1943, depois do casamento com a filha do secretário da Igreja Kibokolo, Pedro Sadi, não acontecer, Tôko foi residir em Leopoldville, capital do então Congo Belga, onde se tornou ativo nas igrejas batistas, ganhando notoriedade especialmente entre os expatriados da região do Zombo que lá residiam (Grenfell, 1988, p. 211-212). Segundo Cléria Ferreira (2012, p. 26-27), quando chegou ao Ex-Congo belga, Tôko se tornou um grande intermediário e administrador na ajuda mútua, criando grupos de encontros comunitários para orações e aulas de estudos bíblicos, sobretudo para os imigrantes angolanos de Maquela do Zombo.

Em Leopoldville, uma série de acontecimentos marcariam de forma indelével a vida de Simão Tôko, dando o esboço do que viria a ser o Tocoísmo. No princípio da década de 1940, Tôko teve contato com as publicações das Testemunhas de Jeová, intituladas “O Sentinela”, passando, de acordo com Pedro Pinto (2012, p. 151-152), a incorporar crenças e letras musicais no coro dessa religião na batista sem o conhecimento de seus superiores. Anos mais tarde, de 13 à 24 de julho de 1946, Simão Tôko e todo o corpo de coristas foram convidados a participar da Conferência dos Missionários Batistas em Leopoldville. Foi no ensejo dessa Conferência que Tôko teve contato com os representantes das igrejas estadunidenses, possibilitando “alargar os horizontes” e buscar mais informações sobre a Sociedade Bíblica, que editava as publicações das Testemunhas de Jeová. A

Conferência foi organizada pelo então “Conselho Missionário Internacional (IMC)”, cujos objetivos eram avaliar os últimos 60 a 100 anos da ação missionária protestante no continente africano, traçar o planejamento para uma Igreja Africana unida e autônoma, e integrar os aspectos sociais, culturais e educacionais aos religiosos. O primeiro objetivo tinha claras características de cunho mais religioso ou institucional do protestantismo batista em África. O segundo, no entanto, conectava-se ao panafricanismo, que estava tomando conta do cenário político internacional daquele tempo, sobretudo no que se refere aos movimentos independentistas do continente (Alvarado, 2018, p. 335).

Quando do término da Conferência, Tôko fundou a Associação Cristã do Planalto do Zombo, que tinha como intenção a “[...] ajuda mútua para o povo do Zombo, [...] com o objectivo de educar o povo e desenvolver a região”. Essa Associação funcionava à revelia da Missão Batista, nas casas das próprias pessoas, em que havia orações e estudos bíblicos. Ao fim e ao cabo, Tôko acabou criando uma comunidade própria junto aos bakongo que lá estavam (Ferreira, 2012, p. 28). Malgrado a participação de Tôko na Conferência tenha sido um sucesso aos olhos da Missão Batista a que estava atrelado, ele não havia revelado as origens do que ensinava (Testemunhas de Jeová e da Conferência) para seus superiores. Além disso, muitos dos que o seguiam, conectavam seus ensinamentos com os de Simon Kimbangu (curas pela fé e pregação contra fetiches, e práticas mediúnicas), que, mais tarde, fariam, em parte, a estrutura do Tokoísmo (Ferreira, 2012, p. 31-32).

Os preceitos da religião de Tôko, como destacados acima, eram apresentados por meio de temas políticos e religiosos, tais como a salvação do negro, adeptos do Tokoísmo e, por extensão, a luta anticolonial. A ideia de salvação do negro se assemelhava e, ao mesmo tempo, se diferenciava das palavras que Simon Kimbangu pregava: a correspondência está no fato de existir salvação para a pessoa negra, algo que não era ponto pacífico no “Cristianismo Ocidental”; e a distinção, na salvação ser endereçada aqueles que aceitassem o Tokoísmo e Tôko como o “Último Profeta”. A este respeito, não é demais salientar que as autoridades do Congo Belga, também verificavam as aproximações entre o Tokoísmo e o Quimbanguismo¹. Entretanto, especula-se em mais de 2.000 adeptos de Tôko nesse momento, considerando a quantidade de seguidores e a ausência de uma edificação própria para abrigar seus seguidores, os encontros eram ao ar livre, o que tornaram os cultos públicos e gigantescos. Esses dados aliados ao fato de suas ligações com a *Watch Tower*,

¹ ANTT/PIDE-DGS, Proc. 15.45.A/NT 2105, p. 2-3.

fizeram com que o Estado Colonial Belga reagisse acusando Tôko de incentivar a expulsão dos “brancos e brancas do Continente Africano por que queria ser rei dos negros”, prendendo-o. Sua detenção serviu como estopim para se criar um mito em volta de sua figura, alimentando a idolatria de seus prosélitos, transformando-o em uma espécie de mártir (Ferreira, 2012, p. 32). Ao se considerar que o Tokoísmo se alimentou de outros movimentos de sua época e que se inspirou no Quimbanguismo, pode-se argumentar, como vários autores fizeram, que ele se materializa enquanto uma tradição entendida como um conjunto de valores, costumes e práticas transmitidos de geração em geração, devidamente ressignificadas e recontextualizadas. E, assim, nos termos sugeridos por Eric Hobsbawm e Terence Ranger (1997), ou seja, como uma “tradição inventada” no contexto da luta anticolonial, posto que a nova onda colonial de países da Europa ocidental, a partir de final do século XIX, por sobre o território do continente africano, criaram as condições para o que Jean Copans (2014) nomeou de “longa marcha da modernidade africana” com todos os seus horrores materiais e simbólicos, vivenciados na vida cotidiana dos colonizados, com ênfase nos considerados indígenas pelos colonizadores.

No entanto, esse parece ter sido muito mais o entendimento dado pelos Estados belga e português, e, provavelmente, por parte dos seguidores de Tôko, do que por algo mencionado por ele mesmo. Na verdade, a associação entre Tôko com a WTBTs parece ter dado aos belgas do Congo, inicialmente, e aos portugueses de Angola, *a posteriori*, as ferramentas para forjar uma conexão entre o “Redentor-*Mvuluzi*” e o anticolonialismo, e, com isso, iniciar uma “justificada” perseguição e repressão ao movimento. Além disso, a ideia dessa “Tradição Bakongo” ser o catalisador do movimento religioso de Simão Gonçalves Tôko parece ser uma herança da historiografia colonial, que a atual repete, mas, ao mesmo tempo, por motivações políticas, vincula Tôko ao “Antonismo” de Beatriz Kimpa Vita, passando pelo Quimbanguismo, pela mera coincidência de que eram bakongo. A bem da verdade, parece que as missões protestantes em África de maneira geral, e em Angola, em particular, possibilitaram aos indivíduos que tiveram contato com elas o acesso à educação, bens materiais, novas ideias de liberdade, consciência coletiva e predestinação (Ferreira, 2012, p. 17-20). A origem bakongo de Tôko, como também o seu contato com a Igreja Metodista dos tempos do Liceu, serviria para estruturar a INSJCM, mas não como uma base cosmogônica imutável e intransponível. Resumindo, Tôko não foi uma continuidade bakongo de Kimbango, porém, uma espécie de sucessor profético em certos graus.

Interessante notar que a aproximação e absorção das práticas das Testemunhas de Jeová da *Watch Tower Bible and Tract Society* (WTBTS) por Tôko, expulsaram-no da Missão Batista de Leopoldville, assim como do próprio Congo pelas autoridades belgas, sobretudo, quando Tôko proclamava uma nova ordem e pelo fato do Governo Belga já ter banido os membros da WTBTS do território congolês (PINTO, 2012, p. 152). Porém, há quem afirme que a motivação principal dos belgas tenha sido a possibilidade do movimento ser anticolonial, mascarado pela religiosidade (Santos, 1972, p. 372-375).

No nosso entendimento, uma possibilidade não exclui a outra. A aproximação de Tôko com a WTBTS pode também ter sido interpretada como um movimento anticolonial pelas autoridades belgas, portuguesas e, até mesmo, por seus futuros seguidores. No entanto, deve-se fazer ciente que as autoridades belgas e portuguesas se aproveitaram disso para disseminar informações falsas ou, no mínimo, discutíveis, que serviam para tentar estereotipar o movimento de Tôko. O Processo de Informação nº 25 da Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE) é sugestivo quanto ao caráter religioso do movimento e de suas supostas mestiçagens com as “práticas e preceitos gentílicos tradicionais”, bem como quanto às influências sofridas pelo Tokoísmo e o seu posicionamento em relação a ordem política, pois, o movimento de Simão Tôko, sob a orientação de princípios do Quimbanguismo, ainda no Congo Belga, expressava a ideia de um “novo Cristo”, que expulsaria as autoridades e poderes atuais fazendo reinar a justiça. Nessa perspectiva, Simão Tôko, associado à *Watch Tower*, por meio de pregações, promovia a desobediência e a indisciplina pacíficas ressaltando a chegada de um “Jesus negro²”.

Em meio a expulsão de Tôko da missão batista, em 1949, a INSJCM era fundada, a partir do evento da descida do Espírito Santo (Blanes, 2009, p. 18), ganhando, inicialmente, inúmeras designações: Tokoísmo; *Ebundu dia Mfumweto Yeso Klisto*; *Nzambi a M’papa* ou *Ma-m’papa*, ou *Ma-papa*, ou, ainda, *Ma-papu*; *Nzambi a Simão*; *Ntonotsa* ou *Tongosa*; *Dibundu dia Simão*; *Mapapa*; *Coro de Quibocolo*; *Nkielo*; e outras, cujos significados vão desde as traduções literais do próprio nome da Igreja, passando por “pés de sandálias” e terminando com a de “Deus Novo”. O título recebido por Simão Tôko, *Papá*, também remete a algo importante dentro da proposta de sua religião - Senhor Professor, Dirigente, Profeta, Pai etc. Assim, *Nzambi a M’papa*, poderia significar “Deus

² ANTT/PIDE-DGS, Proc. 15.45.A/NT 2105, p. 2-9

Novo”, porém a de um Ser Divino que substituíra uma ordem antiga por uma nova (Santos, 1972, p. 365-366).

Simão Tôko quis criar não apenas uma religião nova, mas algo que incorporasse as práticas religiosas e culturais locais. No documento “Apontamentos sobre Simão Toco e a sua seita”, mais precisamente no tópico “Cerimónias e prescrições”, constam informações relativas às nuances do ritual (Teosébias), o seu tempo e o local em que este deveria ser feito. As teosébias poderiam ocorrer durante o dia ou a noite, dentro das casas ou ao ar livre, mas as do período noturno deveriam dar prioridade aos cultos na mata; a Bíblia era utilizada em todos os encontros e os cânticos retirados dela mesma; durante as preces, determinadas pessoas “iluminadas” começariam a tremer e a receber inspirações de quais livros e capítulos deveriam ser lidos; faziam uso de café e de chá para atravessarem as noites em orações; no decurso do *Ntogosa* (Cerimônia de iniciação e de aceitação à religião) os pelos das axilas e os pubianos de homens e mulheres deveriam ser retirados³.

Interessante notar, entretanto, como o documento parece ter sido meticulosamente pensado a dar ao Tokoísmo uma característica muito mais pagã do que cristã. Ao relatar a parte do *Ntogosa*, o Estado português se preocupou em descrever algo que causaria estranhamento, aproximando o movimento das práticas atos quase que libidinosos. Ao aceitar os ritos, tabus e regras comportamentais aludidos no referido documento *ipsis litteris*, estaríamos incorrendo no erro destacado por Valentin Yves Mudimbe (2019) e denominado como “Biblioteca Colonial”, reduzindo o Tokoísmo não apenas a um comportamento não cristão, como também estranho aos seus próprios praticantes. Neste sentido, o referido documento é uma tentativa, dentro da logística colonial, de descaracterizar a própria religião, apresentando-a como seita. Contrariando essa fonte, em entrevista concedida por Simão Tôko ao jornalista Silva Cunha, em 1955, ele se autodeclarou como o “profeta-revelador” fazendo parte da segunda vinda do “Redentor-*Mvuluzi*”, Jesus Cristo, com os “traços de um negro”, pois os brancos católicos e protestantes mutilaram a Bíblia, sendo o único Livro Sagrado o escrito por ele mesmo, Simão Tôko, compreendendo-se ser o “Último Profeta”. Assim, *Nzambi* (Deus em kikongo) se vingaria dos brancos por suas ganâncias e crueldades, acelerando o processo do segundo nascimento de Jesus por meio da concepção de filhos mulatos

³ ANTT/PIDE-DGS, Proc. 15.45.A/NT 2105, p. 2.

pelas mulheres brancas. Então, aqueles que não seguissem o Tokoísmo seriam queimados por *Nzambi* (Santos, 1972, p. 392-399).

Nessa esteira, há uma série de incongruências levantadas por alguns autores. Para John M. Janzen (1982, p. 40), o “Tokoísmo surgiu como uma tentativa de desafiar o domínio da Igreja Católica Romana e dos missionários protestantes, que haviam tentado destruir a religião tradicional africana”. Por sua vez, James Grenfell (1988, p. 219) compreende que Simão Tôko era, também, um militante favorável à desobediência civil não violenta contra a administração colonial. Ao se considerar a pertinência destes argumentos, vale dizer que Simão Tôko não apenas respondia aos anseios religiosos dos povos de Angola, como também, as suas pretensões políticas perspectivavam a independência. Acrescentamos ainda, a argumentação de Ferreira, em que o Quimbanguismo e o Tokoísmo, ambas igrejas de teologia cristã, dissidentes das missões protestantes da Igreja Batista inglesa (BMS), despertou certa desconfiança entre as demais missões por seu teor crítico às Igrejas missionárias europeias (Ferreira, 2012, p. 14-15).

Dessa distinção levantada por Ferreira, faz sentido tanto o nacionalismo, quanto as influências de outros movimentos anticoloniais no Tokoísmo. Eduardo Santos (1972, p. 370) afirma que Simão Tôko teve contato ou conhecimento, certamente, de vários outros movimentos “antieuropeus” de curta duração: *Kidista* (1941-1943), na região de Quibolo, no Norte de Angola; o *Tonsi*; e o *Kimboteca*, que apareceu em 1943, que em kikongo significa “submergir”, passando a ideia de batismo por imersão na água. Esse caráter politizado outorgado ao Tokoísmo parece se tornar mais latente no período pós-independência, marcado por disputas pelo poder em Angola. Para Helder Bahu (2014, p. 31), o Tokoísmo e o Quimbanguismo, por terem laços mais estreitos com os bakongo, ficaram mais próximos da Frente Nacional de Libertação de Angola – FNLA, não tanto visando a construção de uma Angola sob o governo do FNLA, mas para a fomentação de uma unidade administrativa bakongo.

2 REPRESSÃO PORTUGUESA E A EXPANSÃO DO MOVIMENTO EM ANGOLA

As expulsões de Tôko e do Coro Kibokolo do Congo para Angola pelas autoridades belgas serviram para transformar e consolidar a posição do profeta Tokoísta naquilo que Max Weber (1999, p. 158-159) denominou de líder carismático. A dominação carismática é exercida pelo

sujeito em que a ele é endereçado poderes e qualidades sobrenaturais dadas por Deus, independente da opinião da sociedade a seu respeito.

Por esta razão, ao ser deportado para Angola, a imagem de Tôko, acompanhado do Coro Kimbokolo, já estava solidificada como prócer carismático. Cabe aqui verificar os fenômenos de expansão do Tokoísmo pelo território angolano, que se seguem a partir das repressões impostas pelo Estado Colonial português.

Logo ao retornar do Congo, Tôko começa a espalhar a sua doutrina em sua terra natal – Sadi. A própria administração portuguesa em Angola, dá-nos conta da difusão do Tokoísmo na província do Uíge, em documento datado de 1951⁴. Assim, as autoridades portuguesas em Angola estavam espantadas com o poder e a velocidade de propagação do movimento Tokoísta. Tanto era que o Estado português tentou solucionar o problema a partir da separação e envio de Tôko e de seus seguidores vindos do Congo para outras regiões angolanas. De início, em janeiro de 1950, Simão Tôko recebe o cargo de chefe dos colonos na Junta do Café, no Vale do Loge. Em função de suas práticas religiosas, foi enviado para Luanda e, depois, para Caconda, em novembro do mesmo ano; posteriormente, é despachado para o posto do Jau (janeiro de 1952); mais tarde para Cassinga, em junho de 1954; e, então, para o farol da Ponta Albina, em dezembro de 1955. A cada migração havia a “consequência desagradável da expansão da doutrina através do território⁵”. Desse modo, as perseguições e seguidas migrações forçadas do profeta e de seus seguidores, sobretudo, os originais do coro Kibokolo, serviram para expandir mais rapidamente o Tokoísmo em regiões de Angola que se levaria anos, quiçá décadas, para alcançar (Ferreira, 2012, p. 35-39; Macaia, 2020).

Em 1961, Simão Tôko, tido como um apoiador da colonização portuguesa, e depois de um atentado em Luanda, é enviado para o Norte de Angola a fim de auxiliar na paz, pois tinha inúmeros correligionários (Macaia, 2020, p. 161). Contudo, a partir de informações dadas pelos padres que viviam na região de que o Tokoísmo era uma ameaça que crescia de forma descontrolada, as autoridades portuguesas decidiram por exilar e “expurgar” Tôko e seus “adeptos mais extremistas” para fora de Angola (Blanes, 2013, p. 41). Assim, em 19 de julho de 1963, Tôko é enviado para Lisboa, via São Tomé, acompanhado de sua esposa e filhos, sendo entregue à Agência Geral do

⁴ ANTT/PIDE-DGS, Proc. 15.45.A/NT 2105, p. 3

⁵ ANTT/GGA-SCCIA, Inf. 25. Pº.Nº. 64-A, p. 3

Ultramar para, posteriormente, seguir viagem com destino aos Açores, onde trabalhou como faroleiro por 11 anos (Macaia, 2020, p. 163).

Enquanto isso, as autoridades coloniais portuguesas de Angola preparam um verdadeiro aparato repressivo na intenção de acabar com o movimento Tokoísta de uma vez por todas. Dentre várias medidas, Portugal procurou interceptar as mensagens entre os líderes tokoístas e destes com o profeta (Macaia, 2020, p. 164-165). A estratégia criada por Tôko e seus seguidores foi a de continuar se comunicando a partir de códigos, algo que já acontecia antes mesmo do degredo do profeta em Açores⁶. No entanto, o impacto das consecutivas migrações de Tôko, de seus adeptos e da própria prisão do profeta serviu de palco para a formulação da estrutura da INSJCM. Segundo Ferreira (2012, p. 35-43), quando Simão Tôko chega deportado do Ex-Congo Belga em Angola, já tinha uma congregação bem estruturada, em que se misturavam conteúdos religiosos herdados das igrejas missionárias europeias e o Quimbanguismo, não havendo, contudo, uma edificação própria da igreja, muito em função das perseguições efetuadas pelo Estado Colonial e por ser um movimento ainda incipiente à época. Contudo, Tôko havia pensado em uma configuração hierárquica para que a sua comunidade não se dispersasse, organizando um grupo denominado de “Doze Mais Velhos”, em 1949, quando foi preso em Leopoldville. Do seu retorno à região Norte de Angola, Tôko acrescentou uma nova organização à anterior, tendo como base a denominada “Direção Central da Igreja”, delegada aos já citados “Doze Mais Velhos”, estando abaixo desses um Procurador-geral de todos os assuntos, um Secretário-geral, o Visitador e Chefe, músicos e o chefe do coro, cuja hierarquia era mantida pelo profeta tokoísta através de correspondências contendo instruções detalhadas.

A partir do degredo de Tôko para os Açores, em 1963, os membros da Direção reformulam a organização herdada do profeta em um único organismo, designado como Corpo Directivo da Igreja, colocando-a em funcionamento em janeiro do ano seguinte. A partir disso, todos os assuntos passariam a ser centralizados na comunidade tokoísta de Luanda, que era subordinada à delegação das quatro classes da capital, sendo criada a Direção-Geral, composta pelos setores A e B. Abaixo da Direção Geral havia a Secção de Expedientes incumbida de comandar as seções de despesas e receitas, anúncios, auxílio aos necessitados, visitas e organização de encontros (Ferreira, 2012, p. 44-45).

⁶ ANTT/SCCIA, Rel. 88/10-D1.17 dez 1962, p. 31

Parece que a fragmentação tripartite que existirá logo após a morte de Simão Tôko, em 1984, foi desenhada a partir desse momento, havendo a Direção Central, o Conselho das 18 Classes e 16 Tribos e os Doze Mais Velhos. A bem da verdade, teríamos uma primeira cisão já em 1950, quando João Moncocha, insatisfeito com as práticas mediúnicas, fez um esforço para regressar à leitura das publicações das Testemunhas de Jeová, sendo prontamente rechaçado por Tôko que manteve a prática dos Vates nas leituras bíblicas para a comunidade Tokoísta (Pinto, 2012, p. 154). Outros desmembramentos ocorreram no decurso da volta de Tôko à Angola: em 1955, quando Tôko estava na região sul de Angola; e na década de 1960, momento em que estava preso nos Açores (Blanes, 2014, p. 144).

Quando, em 31 de agosto de 1974, Tôko retorna de seu exílio em Açores, a situação de Angola já havia se alterado drasticamente, havendo um Governo de Transição. Em 11 de novembro de 1975, Angola se tornou um Estado independente, mas que não estava em paz. O MPLA havia declarado a independência do país em Luanda, enquanto FNLA e UNITA tomaram a mesma estratégia em outras regiões, o que acabou mergulhando o recente país em uma guerra civil de décadas. Prevendo essa situação, Tôko tenta abrir conversações para encontrar uma via pacífica com os principais líderes dos partidos acima, Agostinho Neto (MPLA), Holden Roberto (FNLA) e Jonas Savimbi (UNITA), o que não vingou (Viegas, 2008).

Em meio a Guerra Fria, Angola se transforma em um regime unipartidário com o MPLA de Agostinho Neto no poder. Interessante pontuar que Simão Tôko e Agostinho Neto se conheciam desde os tempos do Liceu em Luanda, quando Tôko chegou a morar na casa do pai de Neto, que era pastor Batista (Podcast Mayele, 2024). Todavia, dado o contexto vivido, o MPLA se transforma rapidamente em regime autoritário, centralizador, de ideologia modernista (Homem Novo) e de cariz ideológico marxista-leninista (Bittencourt, 2008). Em pouco tempo, todos os movimentos coletivos, como é o Tokoísmo, passariam a sofrer perseguições, em função do modelo de “ateísmo militante” (Paxe, 2009, p. 42).

Prova disso é que entre 1976 e 1979 Simão Gonçalves Tôko foi preso 15 vezes pelo MPLA. Em quase todas as oportunidades, Tôko e os vários tokoístas foram encarcerados pelo simples fato de professarem as suas fés. Excetuando talvez a terceira prisão, ocorrida em 19 de agosto de 1977, quando Simão Tôko estava retornando de uma detenção feita pela ODP ao chamado Bairro Indígena e os residentes gritaram: “Viva Simão Tôko!!! Viva!!! Abaixo Agostinho Neto!!! Abaixo!!!!”, todas as outras, foram apenas por Tôko ser um líder religioso, o que é sintomático das afirmações de

Bittencourt e Blanes sobre o autoritarismo imposto pelo Estado angolano dominado pelo MPLA. Mais impressionante ainda é o fato de que na sexta vez que Simão Tôko foi detido, em 10 de setembro de 1977, 70 pessoas foram presas juntas com ele, sendo a maioria os chamados anciãos e conselheiros, mas havia também mulheres. Retirando o próprio profeta, os adeptos só foram libertados no dia 11 de novembro daquele ano (Memória dos Anciãos, 2024).

As perseguições, seguidas de prisões desmotivadas e outras questões fizeram com que Simão Tôko se transformasse em uma espécie de mártir, herói, líder espiritual etc. De acordo com Balandier (1970, p. 410-472), ao estudar os líderes messiânicos e proféticos bakongos, com ênfase no Quimbanguismo, todas as vezes que a repressão tomou lugar, as prisões e os exílios dos líderes foram as reações comuns dos Estados. Isso fez com que os movimentos religiosos se reorganizassem, muitas vezes de forma criativa, aumentando o número de seus adeptos. Com Simão Tôko não foi diferente e o que se viu foi o fortalecimento do Tokoísmo em Angola, tanto no período Colonial, como no pós-independência.

3 MORTE DE TÔKO E O INÍCIO DOS DESMEMBRAMENTOS DA INSJCM

Em 1984, falecia Simão Gonçalves Tôko, profeta e fundador da INSJCM. A morte do líder tokoísta precipitou as dissensões veladas a se tornarem públicas e os grupos opositores começaram a jogar cada vez mais de forma aberta e extrema. Estes grupos iniciaram um processo de afastamento mútuo e a se reunirem de forma autônoma, reivindicando a legitimidade de seus papéis no “projeto Tokoísta”. Essas formas de desmembramentos foram denominadas de “poli-ontologias” por Blanes (2014, p. 145-147), em que Tôko havia construído um movimento multiétnico, segundo o projeto nacionalista do MPLA, mas com a sua morte, houve uma separação, por não haver àquela altura ninguém de impacto carismático capaz de suceder o profeta.

No entanto, temos que avaliar as dissensões dentro da INSJCM como um processo maior e não apenas como um evento único. Em 1982, o profeta Tôko se desentendeu com João Gino, chamando-o de *mboma* (cobra), o que fez Gino se retirar do grupo e formar o Grupo *Mbomba* associado à Nova Ntaia; um ano depois, uma soma avultada de dinheiro simplesmente desapareceu e ocorre uma série de acusações entre os grupos da INSJCM; passados alguns meses, Tôko levanta fundos para enviar cerca de 400 pessoas para Ntaia, mas o MPLA permitiu apenas um comitê de 20 membros, o que fez Tôko cancelar a missão. No entanto, parte desse fundo desaparece novamente.

O profeta chega a montar uma comissão de investigação para determinar o que havia ocorrido, mas falece antes de pronunciar o veredicto; e, por último, a pós-morte do líder tokoísta se tornou um ponto de batalha. Oficialmente, o luto deveria durar 60 dias, durante os quais não deveria haver nenhum ato oficial e um afastamento público total. Entretanto, no período de luto, um jovem de nome Pedro Sangumbe, residente em Huambo, chega escoltado por um grupo de anciãos locais, afirmando que o espírito de Tôko o havia visitado e afirmado que o luto deveria durar 90 dias. Assim que as notícias se espalharam, os Doze Mais Velhos afirmaram que são os Anciãos e Conselheiros que deveriam tomar a decisão final. Os Anciãos e os Conselheiros decidem respeitar a decisão dos 60 dias de luto, mas que deveriam ter mais 30 dias de orações e atividades restritas. No entanto, nem todos aceitam essa decisão e ocorre uma nova cisão interna. A partir do momento que os 60 dias foram completados, convocou-se um “serviço de restauro”, mas um grupo liderado por Samuel Mambo Domingos e Manuel Lelo António decide não participar e declara oficialmente a cisão dentro da Igreja Tokoísta. Como esse grupo estava ligado à parte administrativa, ficou conhecido mais tarde como Direção Central. Após a separação da Direção Central, foi a vez do Conselho das 18 Classes e 16 Tribos. Este grupo estava junto aos Doze Mais Velhos, mas começou progressivamente a contestar sua autoridade e a requerer mudanças, principalmente a partir da introdução de elementos políticos, algo que os Doze Mais Velhos rechaçaram. Com isso, dois anos após o falecimento do profeta, havia três grupos tokoístas: Doze Mais Velhos, Direção Central e o Conselho das 18 Classes e 16 Tribos (Blanes, 2014, p. 146-149).

Para agravar a situação do movimento Tokoísta, em 15 de fevereiro de 1987, 30 membros das 18 Classes e 16 Tribos são presos sob a acusação de motim em Kalumboloka, próximo ao Catete, região do Bengo. A rebelião, como foi tratada pelo MPLA, consistiu em a vertente questionar a prisão ilegal de um grupo de manifestantes e de declarar que o Estado angolano estava protegendo a facção de “A CÚPULA”. Do conflito entre o MPLA e a 18 Classes e 16 Tribos, mais de 38 membros dessa ala Tokoísta foram mortos⁷. Em retaliação, o MPLA declara a proibição total de qualquer tipo de manifestação pública em nome dos Tokoístas, incluindo os serviços coletivos (cultos, orações etc.). Concomitante a isso, o Conselho das 18 Classes e 16 Tribos sofre um

⁷ JMAYELE. **Os incidentes de Catete e a Morte de Tokoístas em confronto com as forças de Segurança do Estado em Luanda, Bairro da Terra Nova, local da Tribo dos 24 A/B Malange, ocorreram há 33 anos.** Carta Aberta, 19 mar 2019. Disponível em: < <https://www.tocoistas.net/index.php/pt/tocoismo/item/83-os-incidentes-de-catete-e-a-mortede-tocoistas-em-confronto-com-as-forcas-de-seguranca-do-estado-em-luanda-bairro-da-terra-nova-local-da-tribodos-24-a-b-malange-ocorreram-ha-33-anos> >. Acesso em: 13 maio. 2024.

desmembramento interno e dois novos grupos emergem: Direção Mundial e Gabinete de Jesus Cristo (Paxe, 2009, p. 58-60). Enquanto isso, a Direção Central também era vitimizada com suas próprias fragmentações: Direção Profética Mundial e o Tabernáculo. Assim, ao final da década de 1980, havia uma quantidade imensurável de lideranças existentes, chegando a nove igrejas tokoístas simultâneas e coexistentes (Blanes, 2014, p. 150). Para completar, em 1989, os tokoístas detidos no Catete são condenados a penas que variaram de cinco a 19 anos de prisão.⁸

Ainda em 1987, o MPLA começa a reconhecer e a legalizar as instituições religiosas de Angola, sendo, em um primeiro momento, apenas 12 igrejas reconhecidas.⁹ Posteriormente, no ano de 1992, através do Decreto Executivo nº 14/92, de 10 de abril, o Estado angolano reconhece mais 45 instituições religiosas, dentre elas, estão Doze Mais Velhos, Anciãos Conselheiros da Direção Central e 18 Classes e 16 Tribos.¹⁰ É importante comentar, que o reconhecimento das três vertentes marca não apenas a continuidade oficial do Tokoísmo, mas também a divisão oficial da Igreja criada pelo profeta Simão Gonçalves Tôko oito anos após a sua morte (Blanes, 2014, p. 150-151).

Para além das cissões da INSJCM, cabe destacar que, desde antes da morte do profeta, passando pela segunda metade da década de 1990 e início dos anos 2000, uma série de eventos espirituais acabaram por marcar de forma indelével o Tokoísmo. Em 1982, Afonso Makiesse (oriundo de Kivelo, em Makela do Zombo), alegava ter conhecido Tôko quando ainda estava vivo e que na conversa que teve com o profeta foi incumbido de construir, na região de Béu, uma direção denominada de “Tesoureiro da Cidade”; dois anos depois de Makiesse, alguns fiéis, como Augusto Bernado (Kibokolo – Maquela do Zombo) e João Miguel Joana (Luanda), afirmavam ter incorporado o profeta, que deu instruções específicas (Blanes, 2014, p. 152); no ano de 1996, Fernando Tchiwale, que mais tarde ficou conhecido como “O mensageiro”, asseverava ter encontrado com o Pai *Mayamona* em sonho e havendo se manifestado outras quatro vezes na igreja de Capelongo e em sua casa. Em sua mensagem, Tchiwale afirmava que o profeta dizia que a Igreja deveria se unificar. Tchiwale se reuniu com os líderes dos diferentes grupos, na tentativa dessa reunificação. Apenas os membros da Direção Central e da 18 Classes e 16 Tribos ficaram inclinados a considerar o apelo de Tchiwale, mas os Doze Mais Velhos, no entanto, recusaram a

⁸ RÉUS da Igreja Tocoísta condenados a prisão maior. In: **Jornal de Angola**, Luanda, Angola, ano 89, n. S.I., p. S.I, 18 fev 1989. CETOCO, Luanda.

⁹ RELATÓRIO conjunto sobre a Laicidade do Estado, a liberdade religiosa e o respeito pela Lei e os Direitos fundamentais em Angola. In: **CETOCO**, Luanda, 2017, p. 15-17.

¹⁰ **DIÁRIO da República**, I série, nº 15, de 10 Abril 1992, Decreto executivo nº 14/92 de 10 de Abril. Luanda: CETOCO, 1992, p. 136.

tentativa de “O mensageiro” unir as três vertentes. Porém, mesmo não conseguindo convencer essa vertente, Tchiwale permanece em Luanda por mais alguns anos (Blanes; Sarró, 2015, p. 179-180); e, por fim, no ano 2000, na localidade de Negage, região do Uíge, o então jovem Afonso Nunes afirmou que Simão Tôko estava personificado nele (Blanes, 2014, p. 154-155).

Gradativamente, os discursos de Nunes começaram a ter um teor mais político, sobretudo na direção de conseguir a paz em Angola. Após a morte de Savimbi e o fim da guerra civil, houve uma progressiva reaproximação entre a Igreja, o Estado angolano e as forças parlamentares, chegando, por exemplo, ao ponto do secretário do MPLA, Bento Bento requisitar a benção da Igreja Tokoísta e do presidente da UNITA, Isaiás Samakuva, participar da celebração dos 88 anos de nascimento de Simão Gonçalves Tôko na Igreja Tokoísta. Por fim, o próprio presidente de Angola, José Eduardo dos Santos, felicitou em comunicado oficial a Igreja pelo aniversário de 60 anos de inauguração. Estes exemplos, mostram que a Direção Universal acabou tomando uma nova abordagem quanto a política e o partidarismo angolanos, que, segundo Blanes (2014, p. 159), não é raro que a noção de “parceria” seja invocada para descrever a relação entre INSJCM – Direção Universal e os setores políticos de Angola. Essas relações políticas dos setores do Estado angolano com a Direção Universal não passaram despercebidas pelas três vertentes Tokoístas. Importante notar, porém, que a partir desse momento houve um projeto mais consistente em transformar a vertente tokoísta do Bispo Dom Afonso Nunes em hegemônica no país e de várias das disputas ocorrerem nos campos judiciais, políticos, espirituais e históricos.

4 HEGEMONIA DA DIREÇÃO UNIVERSAL: NOVO PROGRAMA POLÍTICO DO MPLA

Logo de início com o aparecimento de Dom Afonso Nunes, que se autointitulava a personificação de Tôko, as três vertentes reconhecidas pelo Estado angolano entraram em rota de colisão com a Direção Universal. Em 2003, as três vertentes pediram junto ao Departamento de Assuntos Religiosos, o reconhecimento de que Dom Afonso Nunes não era o líder do Tokoísmo em Geral, mas apenas da Direção Universal, e, além disso, exigiam que a ala de Afonso Nunes não fosse reconhecida, em função de “[...], porquanto revestimento e encarnação são fenómenos diferente e todo o homem que conhece o evangelho de Cristo com certeza que em momento algum pode ter uma atitude contrárias aos ensinamentos de Jesus Cristo¹¹”.

¹¹ REPÚBLICA de Angola. Departamento de Assuntos Religiosos. Notificação de Despacho. Ofício nº 2725/DAR/03. 08 jul. 2003. CETOCO, Luanda, 2003, p. 3.

Em separado, a 18 Classes e 16 Tribos argumentou que “Desconhecemos o Senhor Afonso Nunes como Líder da Igreja” e que “Desde a Relembração da I.N.S.J.C.M. e, mesmo na presença física do ditoso Dirigente, sempre os que operaram pelo Ministério do Espírito, chamaram-se e chamam-se até hoje de VATES, jamais houve alguém do Ministério de ENCARNAÇÃO, salvo para confundir e usurpar poderes¹²”. A ala dos Anciãos e Conselheiros da Direção Central, por sua vez, fez críticas mais contundentes e declarou: “Na verdade, não existe, actualmente, nenhuma ‘DIRECÇÃO UNIVERSAL’ da nossa Igreja, pelo menos nos termos em que se coloca a questão no vosso ofício, mas existe sim três Igrejas Tokoístas reconhecidas pelo Governo angolano através do Ministério da Justiça em 1992¹³”. Adiante, acrescentaram os Anciãos e Conselheiros da Direção Central um texto significativo, afirmando que o aparecimento da Direção Universal pôs em causa o processo de reconciliação das três vertentes da INSJCM; que houve interferência direta de Afonso Nunes em assuntos das três vertentes; que “espantosamente” a Direção Universal conseguiu uma declaração emitida e assinada pelo Dr. Hélder Van-Dest, em 8 de dezembro de 2000, reconhecendo-a como as “[...] Direcções Universal e Nacional” da INSJCM; e que a partir desse documento, houve uma campanha para encerrar as demais Igrejas Tokoístas em todo território angolano¹⁴.

As querelas envolvendo os quatro grupos ganham novos capítulos a partir de 2003, quando o então Ministro da Justiça, Dr. Paulo Tchিপilica, não reconheceu a Direção Universal como uma Igreja Tokoísta¹⁵. Essa situação perdurou até 31 de outubro de 2015, momento esse em que o Ministro da Justiça e dos Direitos Humanos da República de Angola, Dr. Rui Mangureira, através do Despacho nº396/115, publicado no Diário da República nº 156, I Série de 16 de Novembro de 2015, reconheceu a Direção Universal como sendo a “Denominação religiosa única da Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo no Mundo (Os Tokoístas)¹⁶”. Esse documento é importante, pois, por um lado, demonstra que não deveria ser o Ministro a reconhecer a Direção Universal, mas o Tribunal Superior, havendo uma sobreposição de funções, o que reforça a associação da vertente em apreço com alguns setores políticos do MPLA; e, por outro lado, praticamente tornava ilegal as três alas tokoístas reconhecidas oficialmente desde 1992. Assim, temos duas estratégias montadas pelo MPLA em relação à

¹² Op. Cit., p. 5-6.

¹³ Op. Cit., p. 9.

¹⁴ Op. Cit., p. 10-11.

¹⁵ Op. Cit., p. 25.

¹⁶ COMUNICADO de Imprensa. **Reposição da personalidade Jurídica da INSJCM, com a anulação pelo Tribunal Pleno e de Recurso, do Tribunal Supremo, do Despacho nº 396/15, de 16 de Novembro, do Ministro da Justiça e dos Direitos Humanos.** Luanda: CETOCO, 2021. p. 3-4.

Direção Universal: 1) colocar Afonso Nunes como líder geral tokoísta; e, 2) ao não conseguir o primeiro, tentar extinguir as demais vertentes.

A decisão do Ministro da Justiça e dos Direitos Humanos da República de Angola, Dr. Rui Mangueira, fez com que uma nova frente de batalha se abrisse. Com isso, as três vertentes tentam anular a decisão tomada, o que acaba ocorrendo em 16 de novembro de 2016, quando o Supremo Tribunal angolano, através do Processo nº 458/16, declarou nulo o Despacho nº 396/15, colocando a Direção Universal em situação de ilegalidade frente ao Estado. Diante disso, foi a vez de a Direção Universal solicitar a revogação do referido Processo. Porém, não obteve sucesso, mantendo-se nulo o Despacho nº 396/15¹⁷.

Em novo enfrentamento, no ano de 2019, uma decisão contida no Processo nº 85/19, em que a Direção Universal pedia a impugnação da nulidade do Despacho nº 396/15, foi declarado como improcedente pelo Tribunal Supremo.¹⁸ A última derrota judicial que a Direção Universal sofreu foi em 2024, através do Acórdão nº 871/2024 do Tribunal Constitucional, Processo nº 1000-B/2022, em que a Suprema Corte angolana negou o provimento ao recurso extraordinário de inconstitucionalidade do Acórdão do Tribunal Supremo, Processo nº 85/19, indeferindo: o incidente de Aclaração e Reforma do Acórdão do Tribunal Supremo; e a manutenção do Despacho nº 396/15, de 16 de Novembro, que revogava o Reconhecimento tripartido da INSJCM de 1992¹⁹.

Resumindo, nos últimos 24 anos, desde o aparecimento de Afonso Nunes, a Direção Universal não conseguiu obter o reconhecimento jurídico de ser de fato “Universal” junto à Suprema Corte angolana. A única vez em que isso aconteceu foi com um ministro da justiça, o que resultou, por exemplo, que a Direção Universal constasse como regular no Relatório conjunto sobre a Laicidade do Estado, já apresentado nesse artigo²⁰, que, por sua vez, demarcou bem um sistema de parceria com alguns atores políticos do MPLA. No entanto, essa vertente, ainda que não reconhecida, tornou-se hegemônica no cenário nacional angolano, expandindo suas atividades para outros países, como Portugal, Brasil, Moçambique etc.; levantou um complexo escolar de nome Simão Gonçalves Tôco, no distrito urbano de Kilamba Kiaxi, em 2006; inaugurou uma rádio própria – Rádio Tocoísta – A Voz da Esperança, em 16 de julho de 2015; abriu o Instituto Superior Politécnico Tocoísta (ISPT), no

¹⁷ REPÚBLICA de Angola. **Tribunal Supremo**. Acórdão, Processo nº 458/16. Luanda: CETOCO, 2016, p. 4.

¹⁸ REPÚBLICA de Angola. **Tribunal Supremo**. Acórdão, Processo nº 85/19. Luanda: CETOCO, 2019, p. 7.

¹⁹ TRIBUNAL Constitucional. **Acórdão Nº 871/2024**. Processo Nº 1000-B/2022. Luanda: CETOCO, 2024, p. 2-3.

²⁰ **RELATÓRIO conjunto sobre a Laicidade do Estado, a liberdade religiosa e o respeito pela Lei e os Direitos fundamentais em Angola**. CETOCO, Luanda, 2017, p. 18.

ano de 2015, com cursos de graduações e pós-graduação, em um terreno enorme no bairro Golfe II, em Luanda; e construiu a maior catedral em África, em 17 de agosto de 2012, com o nome Catedral Universal Tocoísta – Templo do Deus Vivo, com capacidade para mais de 25.000 fiéis sentados²¹. Todos esses fatos demonstram a mudança radical do MPLA em relação a religião, como também o sistema de parceria entre esse partido e a INSJCM – Direção Universal. Assim, as igrejas que eram tidas como grupos paralelos que poderiam pôr em perigo o sistema político em voga (socialismo científico), passam a ser instrumentalizadas pelo Estado.

Em Maquiavel, a religião é utilizada pela política para a concepção e conservação de si mesma. A religião, nessa perspectiva, torna-se um instrumento que faz o povo obedecer às leis (Soboleski, 2011, p. 40). Aqui, cabe uma diferenciação simples, como nos apresenta Paul Freston (2006): Igreja e Estado são entidades completamente separadas, no entanto, religião e política são complementares.

Tomando de empréstimo algumas análises sobre o caso brasileiro, temos que essa relação entre religião e política tem como escopo o fortalecimento mútuo do poder. Assim, no caso das eleições de políticos ligados à Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), em várias regiões do país, há “[...] revisões nas concepções de política e de cidadania dos pentecostais, que se destacavam desde os anos 1980 como os grupos evangélicos mais competitivos e com maior capacidade de transferirem suas influências da esfera religiosa para a esfera política” (Machado, 2012, p. 35). Isso se deve, no entendimento de Joanildo A. Burity (2008), ao fato de ocorrer modernizações distintas no mundo, especialmente, diferentes daquelas do Ocidente rico, que ensejaram diferentes organizações dos movimentos religiosos, que perceberam a sua introdução ou parceria com a política, uma solução para continuarem, reafirmarem e negociar dentro das ordens modernas. Dessa forma, foi a redemocratização do Brasil, em conjunto com o atraso econômico e social da população, que permitiram a ascensão dos grupos religiosos na política nacional.

Malgrado as informações acima se relacionem ao caso angolano, temos que entender o contexto desse país africano em si. Após o fim da Guerra Fria, Angola passa de um país autoritário para uma democracia (Bittencourt, 2016, p. 172). Isso quer dizer que o MPLA não poderia jogar mais com o medo do Imperialismo internacional, justificando o autoritarismo, mas sim, o de abrir para o multipartidarismo. A partir daí uma nova ideologia deveria tomar lugar, no sentido

²¹ IGREJA DE NOSSO SENHOR JESUS CRISTO NO MUNDO – OS TOCOÍSTAS. **Biografia do Líder Espiritual**. Disponível em: < <https://insjcm.org/bio-do-lider/> >. Acesso em: 16 maio 2024.

apresentado por Marilena Chauí (1988, p. 14-40), em que esta se encontra inserida na luta de classes como um dos inúmeros instrumentos de dominação utilizados pelo grupo dominante. Logo, as eleições seriam necessárias, tornando-se um campo de disputa importante.

Nas eleições de 1992, José Eduardo dos Santos (MPLA) teve quase 50% dos votos, Jonas Savimbi (UNITA) um pouco mais de 40% e Alberto Neto, do Partido Democrático Angolano (PDA), obteve apenas 2,16% dos votos, o que, pelas regras eleitorais, obrigaria a ter o segundo turno, mas que não aconteceu em função de Savimbi iniciar uma nova guerra por contestar os resultados (Bittencourt, 2016, p. 185). As novas eleições presidenciais ocorreram apenas em 2012, seguida das de 2017 e 2022. Em 2012, José Eduardo dos Santos (MPLA) venceu com quase 72% dos votos²²; o ano de 2017 marcou o fim do governo de José Eduardo dos Santos e sua sucessão por João Manuel Gonçalves Lourenço, também do MPLA, que venceu com quase 72% dos votos²³; e em 2022, no segundo turno, João Lourenço foi reeleito com 51,47% dos votos²⁴.

Esse breve histórico esboçado acima demonstra que a partir de 1992 angariar eleitores seria importante para o MPLA e, ainda, que nas últimas eleições presidenciais, o MPLA de João Lourenço venceu com uma margem mínima de votos, o que aumenta as tensões políticas em Angola e apontam que as estratégias do Governo para garantir o eleitorado deveriam mudar. Nesse sentido, o MPLA pode ter percebido que determinados grupos são importantes para conseguir se manter no poder a partir do sufrágio universal, tendo as Igrejas em geral, mas a INSJCM – Direção Universal, em particular, um potencial aliado para esse intento.

Em 30 de julho de 2023, em matéria publicada pelo Jornal Éme, “Órgão de Opinião e Informação Geral do MPLA”, a vice-presidente do partido, Luísa Damião, abertamente elogiou o trabalho desenvolvido pela Direção Universal em favor das autoridades governamentais.²⁵ No dia 22 de outubro de 2023, foi a vez do diretor do Instituto Nacional para os Assuntos Religiosos (INAR), Adilson de Almeida, em discurso na comemoração do 51º aniversário do Dia do Episcopado

²² ELEIÇÕES de 2012 em Angola. In: **DW Made for Minds**. 29 set. 2012. 2012. Política. Disponível em: < <https://www.dw.com/pt-002/elei%C3%A7%C3%B5es-de-2012-em-angola/a-16070052> >. Acesso em: 16 maio 2024.

²³ ELEIÇÕES: MPLA dominou cinco províncias em 2017. In: **DW Made for Minds**. 14 ago 2022. 2017. Política. Disponível em: < <https://www.dw.com/pt-002/elei%C3%A7%C3%B5es-mpla-dominou-cinco-prov%C3%ADncias-em-2017-e-unita-ganhou-esp%C3%A7o-em-luanda/a-62804291> >. Acesso em: 16 maio 2024.

²⁴ NOVAES, Paulo. CNE declara MPLA vencedor oficial das eleições de Angola. In: **EuroNews [online]**. S.I., 29 ago 2022. Notícias. Disponível: < <https://pt.euronews.com/2022/08/29/mpla-e-o-vencedor-oficial-das-eleicoes-de-angola> >. Acesso: 16 maio 2024.

²⁵ LUÍSA DAMIÃO reconhece contributo da Igreja Tocoísta na moralização da sociedade. In: **Jornal éme: Órgão de Opinião e Informação Geral do MPLA**, 30 jul. 2023. Disponível em: < <https://www.jornaleme.ao/luisa-damiao-reconhece-contributo-da-igreja-tocoista-na-moralizacao-da-sociedade/> >. Acesso em: 27 maio, 2024.

Metodista, fortalecer a aliança entre o MPLA e as Igrejas em Angola de maneira geral.²⁶ No site do próprio MPLA, há uma matéria em que, novamente, a vice-presidente do partido, Luísa Damião, em 25 de fevereiro de 2024, “marcou presença na catedral tocoísta, no templo do Deus Vivo, em Luanda, para as comemorações do 106º aniversário de nascimento do fundador da Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo no Mundo ‘Os Tocoístas’, Simão Gonçalves Toco²⁷”.

Esses três exemplos são importantes, pois demonstram a necessidade do MPLA se aproximar das igrejas angolanas como “parceiras” no processo moralizador da sociedade. Federico Carducci e Didier Péclard (2021) afirmam que “a Igreja Tokoísta visa a formação de bons fiéis e bons cidadãos” e que para levar esse projeto a cabo havia, no plano do discurso, um ideal moralizador do Governo angolano, sobretudo, após as eleições do presidente João Lourenço, em 2017. Na verdade, para esses autores, houve uma aproximação do MPLA com as igrejas de maneira geral desde 1992, mas com a INSJCM, a partir do ano 2000, ou seja, com a Direção Universal de Dom Afonso Nunes, principalmente pelo projeto de subjetivação da cidadania em Angola com o fim do regime socialista no país. Dessa maneira, ocorre uma parceria profícua tanto para o Governo como para própria Direção Universal, em que um fortalece o outro.

Isso fica ainda mais notório ao percebermos que a maioria dos meios de comunicação em Angola é estatal. Assim, é surpreendente como os meios midiáticos angolanos reforçam a INSJCM – Direção Universal a todo momento. Exemplo disso pode ser visto na fala de Albino Carlos, secretário para os assuntos sociais do MPLA, ao destacar o “papel da Igreja Tocoísta no resgate dos valores morais e éticos”, afirmando: “Numa Igreja que tem sido um parceiro fiel, dedicado e militantemente empenhado [...] no resgate daqueles valores que nos identificam para o futuro. Valor da nacionalidade, da angolidade, valor do respeito com os mais velhos, pelo respeito e amor a vossa terra²⁸”. O interessante dessa matéria jornalística é que Afonso Nunes foi apresentado como “Líder da Igreja Tocoísta”, sem sequer mencionar as três alas reconhecidas em 1992.

Em uma pesquisa não sistemática no canal do Youtube da Televisão Pública de Angola (TPA), não encontramos uma única notícia sequer sobre as três vertentes da INSJCM legalmente

²⁶ MANUEL, Dumilde. Reconhecido papel das igrejas na moralização da sociedade. *In: Jornal de Angola*, Sociedade, 22 out. 2023. Disponível em: < <https://www.jornaldeangola.ao/ao/noticias/reconhecido-papel-das-igrejas-na-moralizacao-da-sociedade/> >. Acesso em: 27 maio. 2024.

²⁷ VICE-PRESIDENTE do MPLA Prestigia 106º aniversário do fundador da Igreja Tocoísta. *In: MPLA*, 25 fev. 2024. S.I. Disponível: < <https://www.mpla.ao/2024/02/25/vice-presidente-do-mpla-prestigia-106%e2%81%b0-aniversario-do-20fundador-da-igreja-tocoista/> >. Acesso: 27 maio 2024.

²⁸ ANGOP: Agência Angola Press. *MPLA destaca ação da Igreja Tocoísta na moralização da sociedade*. Youtube, 23 jul. 2021. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=MZgsguesYMM> >. Acesso em 27 maio 2024.

reconhecidas em 1992, mas a Direção Universal é alvo de notícias em mais de 100 oportunidades, entre os anos de 2020 e 2024.²⁹ Ou seja, apenas a Direção Universal ganha protagonismo nas mídias angolanas. Amanda Rezende (2011, p. 71-73) explica que os meios de comunicação de massa influenciam a opinião pública através de duas possibilidades não excludentes: na massificação da informação pretendida (*agenda-setting*) e na ocultação da notícia (espiral do silêncio). Na *agenda-setting*, determinados temas ganham notoriedade sobre outros, criando certa naturalidade. Na “espiral do silêncio”, um tema em particular é deliberadamente não inserido para o público. A nossa hipótese é que isso aconteça em relação aos meios midiáticos angolanos, a Direção Universal, as demais alas e o público do país. Enquanto as três alas são “esquecidas” pelo público, via interferência da mídia e do MPLA, a Direção Universal é “lembrada” quando possível, ganhando o *status* de única vertente do Tokoísmo em Angola e de Afonso Nunes como líder supremo.

CONCLUSÃO

No presente artigo, procuramos demonstrar como o Estado angolano tentou controlar o movimento Tokoísta desde sua gênese. Em um primeiro momento, a política colonial portuguesa buscou de inúmeras maneiras conter o movimento, mas a cada vez que separava os membros da INSJCM, espalhou o movimento, acelerou a cobertura territorial da própria Igreja, assim como aumentou o número de seus adeptos. O tempo de exílio do profeta nos Açores foi significativamente positiva para a Igreja, que se fortaleceu consideravelmente. Em um segundo momento, já sob o MPLA, vigorou uma política baseada no Lenismo-Marxismo, em que as religiões eram tidas como inimigas e potenciais adversárias do regime instaurado com a independência. A partir desse momento, Simão Tôko foi novamente perseguido e preso, o que fez com que a Igreja aumentasse novamente a quantidade de seguidores. Com a morte do profeta em 1984, a Igreja se desmembrou em três vertentes, que foram silenciadas pelo Governo de Angola, só ressurgindo em 1992, quando o Estado passa a reconhecê-la. No entanto, parece que o movimento tenha caído em declínio. A partir da abertura para a democracia em Angola e do surgimento de Dom Afonso Nunes, no ano 2000, o cenário na relação entre MPLA e INSJCM se alterou drasticamente, fomentando uma

²⁹ Para melhor visualizar o número de matérias sobre a INSJCM – Direção Universal pela TPA no Youtube, visitar: <
<https://www.youtube.com/@tpaonline3152>>.

espécie de ajuda mútua entre ambos. De um lado, o MPLA fortalecia a Direção Universal, de outro, essa vertente apoiava o Estado, através de um planeamento em que bons fiéis se conectavam com a ideia de bons cidadãos. Assim, as vertentes anteriormente reconhecidas eram silenciadas, dando a atual hegemonia à Direção Universal.

Dessa maneira, temos uma conexão íntima entre política e religião em Angola, sobretudo do Tokoísmo com os Estados angolanos. Em todos esses casos, houve uma interferência do Governo sobre a INSJCM. A diferença é que a partir de 2000, o MPLA buscou um aliado no Tokoísmo, mesmo que às expensas das vertentes reconhecidas pelos próprios partidos em 1992.

REFERÊNCIAS

- ALVARADO, Guillermo Antonio Navarro. **África deve-se unir?** A formação da teórica da unidade e a imaginação da África nos marcos epistêmicos Pan-negrístas e pan-africanos (séculos XVIII-XX). Salvador: UFBA, 2018 (Tese de doutoramento em Estudos Étnicos e africanos).
- BAHU, Hélder P. A. **Os Profetas e a Cura Pela Fé:** Um Estudo Antropológico da Igreja Jesus Cristo Salvador do Lubango. Tese (Tese de doutoramento em Antropologia – Escola de Ciências Sociais e Humanas). Lisboa: Instituto Universitário de Lisboa, 2014.
- BALANDIER, Georges. **The Sociology of Black Africa:** Social Dynamics in Central Africa. London: Andre Deutsch, 1970.
- BAUR, John. **2000 anos de Cristianismo em África.** Lisboa, Ed. Paulinas, 2002.
- BITTENCOURT, Marcelo. As Eleições angolanas de 1992. *In: Revista TEL*, Irati, v. 7, n.2, p. 170-192, jul. /dez. 2016.
- BITTENCOURT, Marcelo. **Estamos Juntos! O MPLA e a luta anticolonial (1961–1974).** Luanda: Kilombelombe, 2008. 2 vols.
- BLANES, Ruy Llera. **A Prophetic Trajectory Ideologies of Place, Time and Belonging in an Angolan Religious Movement.** New York: Berghahn, 2014.
- BLANES, Ruy Llera; SARRÓ, Ramon. Geração, presença e memória: a Igreja Tocoísta em Angola. *In: Etnográfica - Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia*, vol. 19 (1), 2015, p. 169-187.
- BLANES, Ruy Llera. “O Messias Entretanto Já Chegou. Relendo Balandier”. *In: Campos - Revista de Antropologia Social*, vol. 10, n° 2, Curitiba, UFPR, 2009.
- BURITY, Joanildo A. Religião, Política e Cultura. *In: Tempo Social - Revista de Sociologia da USP*, v. 20, n. 2, p. 83-113, 2008.

CARDUCCI, Federico; PÉCLARD, Didier. “Être tokoïste pour être citoyen. Pratiques religieuses et subjectivation citoyenne en Angola”. In: **Lusotopie**, vol. 20, n. 1–2, p. 1-20, 2021.

COPANS, Jean. **A grande marcha da modernidade africana: saberes, intelectuais, democracia**. Lisboa: Pedagogo, 2016.

FERREIRA, Cléria de Lourdes. **O Tokoísmo como Elemento da Identidade Angolana (1950-1965)**. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2012.

FRESTON, Paul. **Religião e política, sim; Igreja e Estado, não: os evangélicos e a participação política**. Viçosa: Ultimato, 2006.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (Orgs.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

MACAIA, Fernando Hélder Panzo. **Os movimentos religiosos africanos e a luta anticolonial: o caso do Tocoísmo em Angola (1949-1975)**. Tese (Doutorado em História Contemporânea – Instituto de Investigação e Formação Avançada. Évora: Universidade de Évora, 2020.

MACHADO, Maria das Dores Campos. Religião, Cultura e Política. In: **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, 32(2): 29-56, 2012.

MEMÓRIA DOS ANCIÃOS. **As 15 prisões de Simão Toco: Fé Inabalável!** YouTube, 2 fev. 2024. 16m e 8s. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=B3vzgcN7xc8> >. Acesso em: 09 maio 2024.

MUDIMBE, Valentin Yves. **A invenção de África: Gnose, filosofia e a ordem do conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 2019.

PAXE, Abel Marcelino Vieira. **Dinâmicas de Resiliência Social nos Discursos e Práticas Tokoístas no Icolo e Bengo**. Dissertação (Mestre em Estudos Africanos – Desenvolvimento Social e Económico em África: Análise e Gestão). Lisboa: Instituto Universitário de Lisboa, 2009.

PINTO, Pedro. “The Persecution of Jehovah’s Witnesses in Colonial Angola (with a digression on the inception of Tokoism)”. In: **Social Sciences and Missions**, vol. 28, n. 3–4, 2015, pp. 327–372.

PODCAST MAYELE: #1- Experiências de um pesquisador sobre o “Tocoísmo”: Ruy Llera Blanes. Entrevistado: Ruy Llera Blanes. Entrevistador: Rodrigo Castro Rezende. [S.I.]: Mayele, 08 maio 2024. **Mayele**. Disponível em:

https://open.spotify.com/episode/1krZLyvNI2QHM4d7ciFstO?si=xG_6eKe7TSShPHd1e07dvg.

Acesso em: 09 maio 2024.

REZENDE, Amanda. Ruanda: genocídio e mídia. **As Relações Internacionais e a Comunicação Social**. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Programa de Pós-graduação do Instituto de Relações Internacionais, Universidade de Brasília. Brasília, 2011.

SANTOS, Eduardo. **Movimentos Proféticos e Mágicos em Angola**. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1972.

SOBOLESKI, Josete. A religião como instrumento formador e mantenedor do Estado em Maquiavel. *In: Terceiro Incluído*, NUPEAT–IESA–UFG, v.1, n.2, jul./dez./2011, p. 38 –47.

VIEGAS, Fátima. **Panorama das Religiões em Angola Independente (1975-2008)**. Luanda: Ministério da Cultura/Instituto Nacional para os Assuntos Religiosos, 2008.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade**: Fundamentos da sociologia compreensiva. V. 1. Brasília: Editora UNB, 1999.

Recebido em: 21/10/2024 | Aprovado em: 18/01/2025